

ANTÓNIO GERVÁSIO, LUTADOR ANTIFASCISTA

HELENA PATO

António Gervásio nasceu a 25 de Fevereiro de 1927 em Montemor-o-Novo, numa família pobre, de operários agrícolas. Em 1945, aderiu ao PCP, tendo passado à clandestinidade no Verão de 1952. Foi preso três vezes, sempre por denúncia: em 1947, em 1960 e em 1971. Desta última prisão saiu com o 25 de Abril. Esteve preso cinco anos e meio. Nas prisões de 1960 e 1971 foi brutalmente torturado, com espancamentos até à perda de sentidos. Na última prisão foi impedido de dormir durante 18 dias e 18 noites seguidos, cerca de 400 horas.

Em Maio de 1961, foi espancado em pleno tribunal por denunciar as torturas da PIDE. No final desse mesmo ano, participou na fuga de Caxias juntamente com outros militantes comunistas.

Em 1963 foi eleito para o Comité Central, onde permaneceu até ao XVII Congresso do Partido (2004).

Depois da Revolução, foi eleito deputado à Assembleia Constituinte pelo distrito de Portalegre e, em 1979, foi deputado na Assembleia da República pelo distrito de Évora. Participou directamente em todo o processo da Reforma Agrária e na luta pela sua defesa.

Até meados de 2006, António Gervásio foi membro da Direcção da Organização Regional de Évora do PCP e responsável pela organização concelhia de Montemor.

I.– Os seus interrogatórios na PIDE são um dos mais impressionantes exemplos da barbaridade das torturas a que alguns presos políticos do fascismo foram sujeitos. Ao ponto a que os torcionários da PIDE o torturaram, custa dizermos apenas que foi muito torturado. Em 1960, foram várias as sessões de tortura a que foi submetido e, numa delas, esteve durante 14 horas a ser espancado, com paus. No fim, não cabia na roupa. As equimoses com que ficou nas coxas e nas costas perduraram durante mais de uma ano. Nada lhe abalou a determinação em não trair os seus camaradas ou amigos. Durante um mês não conseguia baixar-se para se sentar ou fazer as necessidades. E em 1970, na terceira prisão, esteve 18 dias e 18

noites em tortura do sono, sem nunca dormir. «É uma tortura terrível, que não há palavras que expliquem» - disse António Gervásio.



(Foto 1.- Ficha de la PIDE.- Foto da prisão)

II.- O PCP, a seguir ao golpe fascista de 1926 e até à década de 40, atravessou grandes dificuldades, por inexperiência, por falta de quadros e falta de apoios, mas a partir dos anos 40, quando se realizaram os 3º Congresso (1943) e o 4º Congresso ilegal (1946), tornou-se um partido nacional e no Alentejo e no Ribatejo, iria implantar-se com grande força. Houve anos em que foi muito afectado por ondas repressivas e com a prisão dos seus dirigentes e funcionários, mas apesar disso foi-se enraizando no proletariado agrícola e nas populações destas zonas. Aos 15 anos, António Gervásio teve os primeiros contactos com o partido comunista através dos jornais “O Camponês” e o “Avante”.

O Alentejo era uma zona de forte concentração do proletariado agrícola, havendo herdades com centenas ou mesmo milhares de trabalhadores, pessoas sem direitos, que trabalhavam de sol a sol, que passavam períodos longos de desemprego, de miséria e de fome e com choques constantes com o Governo e com as polícias fascistas. Conscientes desta realidade, os trabalhadores facilmente procuravam apoio político para as lutas que travavam e o PCP soube dar-lhes resposta. Foi assim que, aos 25 anos, AG aceitou entrar para funcionário do partido, quando foi convidado a ingressar no quadro clandestino daquela organização. Consciente de que o devia fazer, mas que estava dar um passo de grande responsabilidade

na sua vida. O medo de ser preso ou mesmo morto foi um factor que ponderou (no Alentejo, já tinham sido mortos seis funcionários), esteve hesitante, mas Octávio Pato conseguiu convencê-lo. Foi preso em 1947.

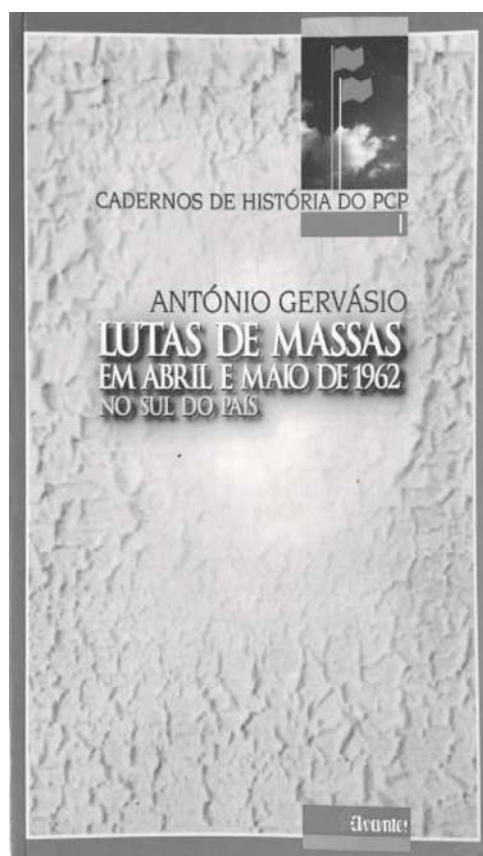
III.- Gervásio ficou no Alentejo até à segunda prisão, em 1960. Mudou o nome, tinha documentos falsos e procurava ficar sempre em meios maiores, para melhor passar despercebido. Foi assim que viveu clandestinamente, ao serviço do PCP, em Évora, em Beja, em Estremoz. Esteve ligado ao proletariado agrícola, mas também a organizações da juventude e sobretudo ao MUD juvenil (que chegou a ter mais de 20 mil membros e que teve grande influência no Alentejo, sobretudo em Beja). Depois, dada a sua experiência nas lutas dos trabalhadores agrícolas, nomeadamente na grande luta das ceifas, regressou à actividade de direcção clandestina da «luta pelas 8 horas de trabalho». Antes, já havia estado na organização de grandes manifestações de rua e de desfiles contra os períodos longos de desemprego. Nessa altura, foram muitas as vezes em que teve de fugir, abandonar a casa onde vivia, mudar de terra, quando os vizinhos começavam a questioná-lo acerca do que fazia, qual a sua profissão. Era tudo feito de bicicleta, com alguns troços do trajecto feitos em camioneta, com a bicicleta no tejadilho. “Cortava” o Alentejo todo de bicicleta. Houve um período da sua vida, nos finais dos anos 50, em que andava à volta de dois mil quilómetros por mês.

IV.- Em 1960, foi preso, e condenado em tribunal plenário. Estava em Caxias em Dezembro de 1961, e participou na fuga do Forte de Caxias no carro de Salazar, juntamente com sete outros membros do PCP. O País seguiu o feito com entusiasmo e alguma perplexidade. Parecendo uma aventura a quem tomou conhecimento do acontecimento pelos jornais, na verdade, essa histórica evasão demorou muito tempo a preparar, e tudo ao pormenor. AG reviveu a situação na entrevista, ainda com emoção: «Se alguma coisa falhasse estava tudo perdido. Se, por exemplo, o carro tivesse batido no portão éramos fuzilados logo ali. Eles dispararam muitas vezes, mas o carro era à prova de bala e as balas faziam ricochete».

V.- Depois da fuga retomou as ligações que tinha anteriormente e foi a partir do Barreiro que participou nas grandes lutas dos ferroviários e ajudou a conduzir a luta pelas «8 horas de trabalho» que tinha sido interrompida. Quando fugiu da prisão esteve alguns dias em Lisboa e depois foi viver para uma casa «ponto de apoio» no Barreiro. Aí, com um companheiro, fez o jornal o “Camponês” com uma separata sobre a «luta pelas oito horas de trabalho», de que distribuíram milhares de exemplares. A greve iria iniciar-se no dia 1º de Maio de 1962. A «Rádio Portugal Livre» noticiou de imediato a greve (havia um esquema muito rápido de comunicação das notícias para Bucareste). A RPL teve um papel fundamental nessa mobilização, ao emitir um apelo que foi determinante do êxito daquela

luta: “Trabalhadores agrícolas! No 1º de Maio de 1962 ninguém trabalha mais de sol a sol. E onde os proprietários ou os seus encarregados se opuserem, os trabalhadores impõem as oito horas”. Assim aconteceu. Dois ou três dias depois, todos os trabalhadores do litoral (Alcácer, Comporta, etc.), cerca de 30 mil, obtiveram de imediato este horário e depois espalhou-se até Montemor e a todo o Alentejo e Ribatejo. Pela primeira vez, os trabalhadores iriam sair com sol de casa e chegar a casa com sol.

De facto, a greve que começou no 1º de Maio foi incendiando os campos e António Gervásio iria estar na direcção desta histórica luta. Falaram com os ranchos de algarvios e beirões que se deslocavam para a zona de Montemor na altura das ceifas, mobilizando-os com uma mensagem clara: ou alinhavam com as 8 horas ou não poderiam ali trabalhar. A grande maioria aderiu e outros houve que regressaram às suas terras. Mas terão sido mais de 200 mil trabalhadores os que naquela altura aderiram a este movimento, que terá abrangido mais de um terço do território nacional.



(Foto 2.- Lutas de massas)

António Gervásio deu um elucidativo testemunho sobre esta luta: « A luta pelas 8 horas de trabalho foi um processo muito longo, que começou vários anos antes de 1962. Levou cinco anos a preparar, com muitas e muitas reuniões. Só eu, fiz centenas de reuniões e, no total, éramos cinco funcionários do partido ligados a este processo aqui no Alentejo e Ribatejo. As reuniões aconteciam sobretudo à noite e tudo era discutido com os trabalhadores. Todas as decisões que tomámos não foram decisões de gabinete, mas sim o resultado de muita discussão. A luta pelas 8 horas foi muito violenta e desencadeou uma grande repressão, porque era a primeira vez, em muitos séculos que os trabalhadores se atreviam a desafiar os agrários e, também, a própria ditadura. Isso foi muito debatido e discutido: como é que os agrários vão reagir, como é que a ditadura vai reagir a uma reivindicação destas? Mas as 8 horas eram uma aspiração profundamente sentida pelos trabalhadores. E 1962 já não era 1940 ou 1950. Nós tínhamos fortes organizações por todo o Alentejo. Não havia nenhuma localidade do Alentejo e também do Ribatejo que não tivesse uma organização do partido ou, pelo menos, uma ligação».

VI.- Soube do 25 de Abril pelo director do forte, que informou os presos dos acontecimentos e os aconselhou a irem-nos acompanhando pela televisão e pela rádio. «Foi uma coisa espantosa. Agarrámo-nos uns aos outros, contentes, mas ainda sem muitas certezas. Nós já tínhamos observado que os carcereiros, naquela manhã, não traziam pistola, só trazia cassetete e estavam de “moco” caído. Também nos apercebemos de que havia tropas ao pé do forte e quisemos saber que tropas eram e o que se estava a passar ali dentro, porque a PIDE podia aparecer ali dentro com uma metralhadora e fuzilar-nos a todos. O golpe até podia ser fascista. Depressa, através das nossas redes, conseguimos saber que o forte estava guardado por fuzileiros navais e que o chefe de guardas, que era um tipo terrível, da PIDE, estava desarmado e cada passo que dava era acompanhado por militares. Foi uma grande alegria quando ligámos, mais tarde, a rádio e ouvimos a Grândola Vila Morena.»

Os primeiros presos saíram logo nessa madrugada, mas António Gervásio só viu a Liberdade na madrugada de 26 para 27.

VII.- Depois da Revolução esteve ligado à Reforma Agrária. Comentou na referida entrevista ao “Diário do Alentejo” (2011): «Fala-se muito em erros da Reforma Agrária, mas o grande erro foi a ofensiva da direita que destruiu a reforma agrária. Há sempre erros, porque um processo desta dimensão, tão vasto e sem nunca ter acontecido tem que ter erros. Mas não foram esses erros que destruíram a Reforma Agrária».

Continua fiel aos seus ideais de sempre, considerando que a única solução para as crises do capitalismo é substituir um sistema que assenta na exploração do homem pelo homem por um sistema social diferente, em que os meios de produção sejam do Estado, sejam propriedade social e não propriedade de alguns. «Não é preciso grandes coisas, nem guerras civis para que isto aconteça: basta haver um poder que tenha força sufi-



(Foto 3.- António Gervasio, con un clavel de “Abril”)

ciente para tirar aos grandes grupos económicos as alavancas da economia. Quando os bancos, as grandes empresas, os transportes forem propriedade do Estado acaba a exploração do homem pelo homem. Para se viver não é preciso que um homem explore outro homem».

António Gervásio nunca perde de vista a evolução da situação social e política do País: «A sensação que tenho é que a situação que o nosso país vive, de desemprego e de crise económica, não pode durar 10 anos. Mas nunca se sabe. A alternativa não é muito clara. A alternativa de esquerda ainda não está muito madura, mas pode acontecer. Como? Também não sei. Mas a situação que estamos a viver é inaguentável com o país a pagar mais de juros do que o que produz e com o sector produtivo quase parado».

Quando lhe perguntam se ser alentejano tem, para ele, algum significado especial, responde que não, «apenas o facto dos alentejanos serem um pouco à esquerda, ainda que muitos alentejanos sejam de direita. O povo tem algumas características próprias e uma delas prende-se com o facto do fascismo nunca ter conseguido penetrar aqui, nem a mocidade portuguesa, nem a religião se implantou aqui com a força como se implantou no norte. Nessa perspectiva, acho que o nosso Alentejo é bom. É um povo solidário».